



MIGRAÇÃO, COMIDA E IDENTIDADE: EXPERIÊNCIAS DE *DEKASSEGUI* MIGRATION, FOOD AND IDENTITY: EXPERIENCES OF DEKASSEGUI MIGRACIÓN, ALIMENTACIÓN E IDENTIDAD: EXPERIENCIAS DE DEKASSEGUI

Bárbara Moraes da Silva Pessoa¹

Lineu Norio Kohatsu²

 10.21665/2318-3888.v11n21p159-193

RESUMO

Neste artigo são apresentados os resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica situada na interface entre Psicologia e Nutrição. A investigação, de abordagem qualitativa, teve por objetivo conhecer as histórias de imigração de famílias japonesas, as experiências de emigração de descendentes de japoneses como *dekassegui* no Japão, as questões identitárias suscitadas por essas experiências e o retorno ao Brasil. Buscou-se conhecer as mudanças e a preservação de hábitos alimentares nas famílias dos entrevistados, a adaptação aos hábitos alimentares no Japão, a readaptação no retorno ao Brasil, assim como as memórias e os afetos vinculados à comida e à comensalidade. Foram entrevistados, por meio de videoconferência e com uso de roteiro semiestruturado, sete descendentes de japoneses que migraram ao Japão na condição de *dekassegui*, de ambos os sexos, com idades entre 40 e 53 anos e com diferentes níveis de escolaridade. Alguns aspectos das histórias de imigração das famílias, suas experiências como *dekassegui* no Japão e questões identitárias convergiram com a literatura encontrada. O aprendizado da língua, das tradições e dos valores, e os hábitos alimentares vivenciados no âmbito familiar, especialmente na convivência com os avós, foram relatados com afeto. A emigração como *dekassegui* ocorreu por diferentes motivos, assim como foram distintas as experiências de adaptação ao modo de vida no Japão. Em relação à comida, apesar do estranhamento inicial, alguns sabores, hábitos e formas de preparo foram incorporados e se mantiveram no retorno ao Brasil, associados a momentos especiais vividos no Japão.

Palavras-chave: *Dekassegui*. Migração. Identidade. Memória. Comida. Hábitos Alimentares.

¹ Graduação em Ciências Econômicas pela Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da USP, cursando Nutrição na Faculdade de Saúde Pública da USP. Realizou Iniciação Científica no Instituto de Psicologia da USP (PIBIC/CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9138-2619>. E-mail: barbara.moraes.silva@alumni.usp.br.

² Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1991), mestrado e doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo. Pós-doutorado na Universidade do Porto, Portugal. Atualmente é professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Desenvolve pesquisas sobre imigração e educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1629-4296>. E-mail: lineu@usp.br.

ABSTRACT

This article presents the results of a Scientific Initiation research located at the interface between Psychology and Nutrition. The investigation, with a qualitative approach, aimed to know the immigration histories of Japanese families, the emigration experiences of Japanese descendants as *dekasseguis* in Japan, the identity issues raised by these experiences and the return to Brazil. We sought to know the changes and preservation of eating habits of the interviewees' families, adaptation to eating habits in Japan, readaptation upon returning to Brazil, as well as memories and affections linked to food and eating. Interviews were conducted, via video conference and using a semi-structured script, with seven Japanese descendants who migrated to Japan as *dekasseguis*, of both sexes, aged between 40 and 53 years and with different levels of education. Some aspects of the immigration histories of the interviewees, their experiences as *dekasseguis* in Japan and identity issues converged with the found literature. Learning the language, traditions and values, and eating habits experienced within the family, especially the ones lived with grandparents were reported with affection. Emigration as *dekasseguis* occurred for different reasons, just as the experiences of adapting to the way of life in Japan were different. Regarding the food, despite the initial strangeness, some flavors, habits and methods of preparation were incorporated and remained on the return to Brazil, associated with special moments experienced in Japan.

Keywords: Dekassegui. Migration. Identity. Memory. Food. Eating Habits.

RESUMEN

Este artículo presenta los resultados de una investigación de Iniciación Científica ubicada en la interfaz entre Psicología y la Nutrición. La investigación, de enfoque cualitativo, tuvo como objetivo conocer las historias de inmigración de familias japonesas, las experiencias de emigración de descendientes de japoneses como *dekasseguis* en Japón, las cuestiones de identidad suscitadas por esas experiencias y el regreso a Brasil. Buscamos conocer los cambios y la conservación de hábitos alimentarios en las familias de los entrevistados, la adaptación de los *dekasseguis* a los hábitos alimentarios en Japón, la readaptación al regresar a Brasil, así como los recuerdos y afectos vinculados a la comida y la comensalidad. Las entrevistas se realizaron por videoconferencia, usando un guión semiestructurado, con siete descendientes de japoneses que emigraron a Japón como *dekasseguis*, de ambos sexos, con edades entre 40 y 53 años y con diferentes niveles de educación. Algunos aspectos de las historias de inmigración de las familias, sus experiencias como *dekasseguis* en Japón y cuestiones de identidad convergieron con la literatura encontrada. El aprendizaje de la lengua, las tradiciones y valores, y los hábitos alimentarios vividos en el seno familiar, especialmente la convivencia con los abuelos fue relatados con afecto. La emigración como *dekasseguis* se produjo por diferentes razones, así como la adaptación de vida en Japón. Con respecto a la comida, a pesar de la extrañeza inicial, algunos sabores, hábitos y formas de preparación fueron incorporados y permanecieron en el regreso a Brasil, asociados a momentos especiales vividos en Japón.

Palabras clave: Dekassegui. Migración, Identidad. Memoria. Alimento. Hábitos Alimentarios.

Introdução

No presente trabalho são apresentados os resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica situada na interface entre a Psicologia e a Nutrição, que teve por objetivo conhecer as histórias de imigração de famílias japonesas, as experiências de emigração de descendentes de japoneses como *dekasseguis* no Japão, as questões identitárias suscitadas

por essas experiências e o retorno ao Brasil. Buscou-se conhecer também as mudanças e a preservação dos hábitos alimentares das famílias dos entrevistados, a adaptação aos hábitos alimentares no Japão, a readaptação no retorno ao Brasil, assim como as memórias e os afetos vinculados à comida e à comensalidade. Para a realização dos objetivos, sete participantes foram entrevistados por videochamada.

Nesta parte introdutória, menciona-se brevemente o histórico da imigração japonesa no Brasil, o movimento de kassegui ao Japão e a problematização sobre a identidade dos descendentes de japoneses, com base na literatura. Por fim, discute-se sobre as relações entre comida, identidade e memória

Breve histórico da imigração japonesa

O início da imigração japonesa ao Brasil foi marcado pela chegada do navio a vapor Kasato Maru ao porto de Santos, em 18 de junho de 1908, trazendo 165 famílias e 48 imigrantes avulsos, totalizando 781 japoneses, vindos de diversas províncias do Japão, sendo a maioria de Okinawa, Kagoshima, Fukushima entre outras. O processo migratório foi resultado do acordo firmado entre a Companhia Imperial de Emigração (*Empire Emigration Company*) e o governo paulista, contrariando a posição do Ministério das Relações Exteriores e da diplomacia brasileira, refratários à imigração japonesa pelo receio da presença amarela comprometer o projeto eugenista de embranquecimento da nação brasileira. No pensamento da época, a “raça amarela”, assim como os negros, era vista pelos eugenistas como indesejáveis por serem racialmente inferiores aos brancos e também por serem inassimiláveis (TAKEUCHI, 2010).

A diminuição do fluxo imigratório dos europeus provocado pela Primeira Guerra Mundial levou o governo paulista a subsidiar novamente a imigração japonesa. O subsídio à imigração japonesa foi suspenso em 1914 devido à baixa fixação desses colonos nas fazendas. Em 1922 ocorreu a suspensão definitiva do subsídio, porém, devido à superpopulação do Japão, o governo japonês assumiu a emigração como política de

Estado, apoiando as empresas de colonização e financiando as viagens ao Brasil (TAKEUCHI, 2010).

É importante recordar, conforme apontado por Sakurai (1995), que o imigrante japonês que vinha ao Brasil nesse período não tinha a intenção de permanecer definitivamente no país, mas enriquecer e regressar rapidamente ao Japão, contrariando os planos das autoridades japonesas que não tinham interesse em incentivar qualquer volta. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial a esperança do retorno foi inapelavelmente cancelada. Durante a guerra, os japoneses foram considerados ameaças à segurança nacional, sendo proibidas as manifestações culturais e políticas.

Em 1952, Brasil e Japão reataram as relações diplomáticas e a imigração de japoneses foi retomada. Nesse período, já se contava com a presença de descendentes até a quarta geração (CARDOSO, 1995), que foram gradativamente incorporados à sociedade majoritária. Muitos desses descendentes se afastaram da tradição nipônica, o que pode ser evidenciado pela forte presença de casamentos mistos. Apesar dos indicadores de integração e ascensão social, estereótipos atribuídos aos antepassados permaneceram (TAKEUCHI, 2010), colocando os descendentes de japoneses na persistente condição de estrangeiros, mesmo sendo brasileiros.

O movimento *dekassegui*

De acordo com Beltrão e Sugahara (2006), o termo *dekassegui* é formado pela junção de *deru* = “sair” e *kassequi* = “trabalhar para ganhar a vida”. No Japão, era utilizado para denominar os trabalhadores sazonais e atualmente é utilizado para se referir a trabalhadores estrangeiros temporários. No Brasil, o termo é utilizado para designar brasileiros, descendentes de japoneses, que foram trabalhar no Japão.

Com a crise econômica, em meados da década de 1980, o Brasil, que até então era um país que recebia imigrantes, passou a ter um deslocamento de emigrantes e o “fenômeno

dekasegui” está inserido nesse contexto. Em junho de 1990, com a promulgação da Lei de Controle de Imigração, o Japão alterou sua legislação para a concessão de vistos temporários de longa permanência aos descendentes nipônicos até a terceira geração, viabilizando assim, as atividades de trabalho. Os trabalhos destinados aos *dekaseguis* eram conhecidos pelos 3 Ks: pesados e duros (*Kitsui*), perigosos (*Kiken*) e sujos (*Kitanai*) (SASAKI, 1998, 2002; BELTRÃO; SUGAHARA, 2006), e os brasileiros acrescentaram mais 2 Ks: exigentes (*Kibishi*) e detestáveis (*Kirai*) (ROSSINI, 2004).

Nesse período, o Brasil enfrentava uma crise política e econômica, hiperinflação, confisco da poupança (durante o Governo Collor) e os *dekaseguis* passaram a migrar para o Japão em busca de oportunidades financeiras visando conquistar melhores condições e manutenção do padrão de vida, além de conhecer melhor a língua e a cultura de seus antepassados. Muitos desses brasileiros iam trabalhar no Japão com o intuito de angariar recursos suficientes para que, no retorno ao Brasil, pudessem comprar um imóvel ou abrir o próprio negócio (ABREU, 2019).

O Japão passava por um momento de crescimento econômico e alta demanda de mão de obra, principalmente para pequenas e médias empresas, que abasteciam as grandes montadoras em franca expansão, porém os trabalhadores locais recusavam esses empregos pela baixa mobilidade profissional e social que lhes eram proporcionados. Considerados como mão de obra não qualificada, os trabalhadores estrangeiros eram alocados principalmente na indústria automobilística e de eletrônicos, contudo, havia oportunidades em outros setores como serviços gerais, construção civil, hotelaria, limpeza, escritórios, frigoríficos, panificação, supermercados entre outros (ROSSINI, 2004; SASAKI, 2006).

As principais cidades com maior presença de brasileiros eram Hamamatsu, Toyohashi, Toyota, Nagoya e Okazaki. Era possível a esses trabalhadores juntar uma considerável quantia, porém às custas de muita economia e de muitas horas extras e quanto menos conhecimento da língua, piores eram as condições de trabalho oferecidas (ROSSINI, 2004; SASAKI, 2006). Nos anos 2000, segundo dados do Ministério da Justiça do Japão, estimava-se que havia 265 mil brasileiros vivendo no Japão (BELTRÃO; SUGAHARA,

2006).

De acordo com Sasaki (1998), o retorno dos *dekasseguis* ao Brasil era previsto desde o início da empreitada, porém esta era marcada pela insegurança e incerteza e muitas vezes o movimento de ida e volta entre o Japão e Brasil se repetiu algumas vezes em busca de melhores condições financeiras. No retorno ao Brasil, alguns foram trabalhar na mesma ocupação de antes da partida, mas nem todos conseguiram recolocação no mercado de trabalho, tendo que recorrer às atividades informais e esporádicas, os “bicos”. Alguns abriram seu próprio negócio com o dinheiro conquistado no Japão, mas muitos não obtiveram sucesso e não conseguiram se manter no mercado brasileiro (OKAMOTO, 2007).

Nem brasileiro, nem japonês: *dekassegui* e a identidade em crise

A questão da identidade se tornou um tema recorrente nas pesquisas sobre a migração de *dekasseguis* (SASAKI, 1998; 2000; 2002; BELTRÃO; SUGAHARA, 2006; DEBIAGGI, 2008; DANTAS et al., 2010) e seus filhos - crianças e jovens (TANAKA, 2009; RESSTEL, 2015; ISHIKAWA, 2016; OKAMOTO; JUSTO; RESSTEL, 2017; OKAMOTO; RESSTEL; BARROS, 2021).

Os descendentes de japoneses da segunda, terceira ou quarta geração, nascidos no Brasil e, portanto, brasileiros, em virtude da preservação dos traços fenotípicos (SASAKI, 2000, 2002), continuaram sendo tratados frequentemente pelos demais brasileiros como “japoneses” ou “japas” (DEBIAGGI, 2008). No entanto, muitos desses descendentes, ao migrarem ao Japão como *dekasseguis*, depararam-se com a inusitada situação de serem identificados como brasileiros pelos nativos.

Segundo Ferreira e Garcia (2002), os *dekasseguis*, apesar de terem nascido no Brasil, consideravam o Japão como a terra natal dos antepassados. Contudo, ao migrarem, percebem que as referências culturais herdadas estavam ultrapassadas nesse país novo,

diferente e em alguns momentos hostil.

Quando o migrante *dekasegui* chega ao Japão pela primeira vez, toma ciência de que está num lugar estranho, ausente de identidade, significado e história para ele. Não reconhece o lugar e nem se reconhece nele. (FERREIRA; GARCIA, 2002, p.139).

Muitos *dekaseguis* viveram crises de identidade ao serem tratados, em um momento, como "japoneses" no Brasil e, em outro, como brasileiros no Japão. Essa situação remete à discussão realizada por Hall (2003; 2006), referência de alguns estudos sobre as questões identitárias de *dekaseguis* (SASAKI, 1998; 2000; 2002; DEBIAGGI, 2008; DANTAS et al., 2010; RESSTEL, 2015).

Com base em sua própria experiência diaspórica, Hall (2003) problematiza a concepção binária e excludente de identidade afirmando que é possível manter duas identidades, no seu caso, como caribenho e britânico. Segundo Hall (2006), a globalização tem o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e "fechadas" de uma cultura nacional, produzindo "uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas, menos fixas, unificadas ou trans-históricas" (HALL, 2006, p. 87).

Conforme assinalado por Kohatsu, Braga e Felipe (2022), a questão da(s) identidade(s) cultural(is) de imigrantes é complexa e controversa, pois remete às concepções plurais de cultura, que no âmbito das ciências sociais e humanas seguem polêmicas. Devido à impossibilidade de uma revisão mais ampla e rigorosa sobre identidades no limite deste artigo, é oportuno citar a crítica apresentada por Ennes e Marcon (2014), que revisitaram alguns autores clássicos dos Estudos Culturais, escola em que Hall e outros autores como E. P. Thompson e R. Williams se inserem. Ainda que brevemente, vale ressaltar que a proposta de Ennes e Marcon (2014) é de crítica às abordagens que resultam na re-essencialização, naturalização e despolitização das noções de diferença e identidade, perspectiva que vai ao encontro das concepções presentes nos estudos citados anteriormente.

Os deslocamentos em âmbito global provocam questionamentos e incertezas em relação

aos sentimentos de pertencimento à determinada cultura e à própria identidade que sofre uma crise, podendo se transformar e se adaptar à sociedade de destino.

Os processos de aculturação psicológica, segundo Berry (2004), podem resultar em diferentes níveis de distanciamento e aproximação entre a cultura originária e a cultura dominante, como assimilação, separação, integração e marginalização, provocando variados níveis de sofrimento psicológico e estresse aos *dekassegus* e seus filhos, conforme apontam os estudos realizados por Okamoto (2007); DeBiaggi (2008); Carignato (2013); Resstel (2015); Resstel, Justo, Okamoto (2015); Okamoto, Justo e Resstel (2017), Tashima e Torres (2018).

Comida, Identidade e Memória

Além da importância biológica, o alimento possui importância cultural, social e está envolvido na criação de memórias. A comida representa a forma como o indivíduo se alimenta e está associada ao prazer e à comensalidade. Ela é usada por grupos sociais como uma forma de se reconhecerem e serem reconhecidos por outros, ou seja, é um instrumento que auxilia na definição e na comunicação da identidade (DAMATTA, 1986; MACIEL, 2005). A comensalidade, ou seja, o partilhar da mesa, o comer junto, tem papel agregador e é fundamental na construção de relações de afeto, intimidade, socialização e fortalecimento de vínculos familiares e de amizade (MOREIRA, 2010; LIMA et al., 2015).

Na análise dos processos de migração é fundamental compreender que os hábitos alimentares, assim como a língua, estão associados à construção de identidade. Os hábitos alimentares são dinâmicos, porém, em um contexto de migração, eles podem ser fixados e se tornam um marcador de identidade (JANOWSKI, 2012; SONATI et al., 2009). Alguns pratos podem representar um determinado grupo, despertar um sentimento de pertencimento e de identidade, o que Maciel (2005) chama de “pratos emblemáticos”. Através deles pode-se perceber a qual cultura ou lugar um determinado indivíduo ou grupo pertencem, segundo Mintz (2001), tratam-se de alimentos “inequivocamente

nacionais”.

As memórias são fundamentais na construção do presente e do futuro e a comida tem um papel fundamental nesse processo; alguns alimentos ao serem preparados e consumidos têm maior potencial de despertar uma identidade. Alimentos que remetem à terra natal passam a ser consumidos em ocasiões especiais e, uma vez que essas comidas são permeadas por memórias individuais, da infância ou um momento especial, elas podem proporcionar o sentimento de pertencimento ao grupo. Comidas e bebidas auxiliam aqueles que migram a manter laços familiares, sociais e culturais e também estabelecem conexões com o novo lugar de morada à medida que os alimentos locais são adotados. Dessa forma, o alimento representa continuidade e ao mesmo tempo mudança (JANOWSKI, 2012).

Ao chegarem ao Japão, não é raro os *dekasseguis* vivenciarem um estranhamento por encontrarem um país muito diferente daquele relatado por seus avós no passado: as transformações das paisagens, a presença das tecnologias no cotidiano, as mudanças na cultura e nos comportamentos das novas gerações, a anglicização da língua japonesa, bem como modificações dos hábitos alimentares.

Há que se considerar, no caso do Japão, sobretudo, no pós-guerra com maior influência ocidental, o desenvolvimento da indústria de alimentos e maior urbanização que contribuíram para as transformações dos hábitos alimentares dos japoneses. Hábitos europeus e americanos, em certa medida, passaram a ser um padrão de consumo, principalmente para uma classe média emergente, com a presença de redes de *fast food* a partir da década de 1970 (BESTOR; BESTOR, 2011).

Considerando o exposto e que a migração provoca questionamentos sobre a fixidez das identidades (HALL, 2006; ENNES; MARCON, 2014) e implica em algum nível de adaptação ou aculturação (BERRY, 2004; DEBIAGGI, 2008; TASHIMA; TORRES, 2018) da qual os hábitos alimentares fazem parte, indaga-se: em que medida os hábitos alimentares foram mantidos nas famílias dos entrevistados, assim como, os significados, as memórias e os afetos relacionados à comida? Como se deu a adaptação da alimentação no Japão? Quais

comidas eram familiares e quais não faziam parte da sua vivência? No retorno ao Brasil mantiveram os hábitos adquiridos no Japão? Aqueles que migram sozinhos, principalmente os homens, assimilaram mais os hábitos alimentares locais? E aqueles que migram com a família preservaram os hábitos alimentares adquiridos no Brasil?

Método

Tendo por objetivo conhecer histórias de imigração de famílias de origem japonesa, as experiências de emigração como *dekasseguis* ao Japão e os processos de readaptação no retorno ao Brasil, foram realizadas entrevistas com sete descendentes de japoneses, cujos dados estão apresentados adiante (QUADRO 1). Por se tratar de uma pesquisa interdisciplinar situada na interface entre a Psicologia e a Nutrição, buscou-se conhecer também aspectos relacionados aos hábitos alimentares das famílias e dos entrevistados como: a) as memórias e os afetos vinculados à comida e à comensalidade e como estes contribuíram no processo de construção das identidades; b) os processos de mudança e de adaptação dos hábitos alimentares durante o tempo de permanência no Japão e no retorno ao Brasil; c) as diferenças e semelhanças entre as experiências de homens e mulheres que emigraram sozinhos e as experiências daqueles que emigraram com a família (esposa/o com ou sem filhos).

Para as entrevistas foi utilizado um roteiro semiestruturado para permitir ao entrevistado discorrer mais livremente sobre o tema proposto. Esta escolha se justifica também por favorecer maior aproximação afetiva entre entrevistado e entrevistador abrindo possibilidades para captar nuances de grande valia para a pesquisa (BONI; QUARESMA, 2005).

No início das entrevistas foram solicitados aos participantes alguns dados pessoais como nome, idade, estado civil, religião. Após esse momento, buscou-se conhecer a história de migração de suas famílias, as dificuldades enfrentadas ao chegar ao Brasil e se a cultura japonesa foi preservada e transferida às próximas gerações. Perguntou-se, então, sobre a

alimentação e se os hábitos alimentares japoneses estavam presentes em sua infância, quais sentimentos e lembranças esses alimentos despertam e quais desses alimentos permanecem até os dias atuais.

Seguiu-se para a experiência como *dekassegui* a fim de compreender o motivo da viagem, o ano de partida, o período de permanência no Japão, o local de trabalho, moradia e as adversidades encontradas. Sobre os hábitos alimentares, almejou-se conhecer as dificuldades de adaptação, o que causou estranhamento em relação ao que era habitual no círculo familiar, de quais alimentos do Brasil tiveram saudade e quais conseguiram encontrar no Japão, bem como possíveis diferenças percebidas. No que tange à identidade dos entrevistados, foi abordado como se identificaram no Japão e como foram tratados por serem estrangeiros.

No retorno ao Brasil, o objetivo foi conhecer as principais dificuldades enfrentadas e como foi o processo de adaptação. Quais cheiros, sons e alimentos remetem ao Japão e de quais sentiam falta e que não são encontrados no Brasil.

Para preservar as identidades e garantir o anonimato foram designados nomes de figuras públicas de origem japonesa aos participantes: Manabu, Ruy, Tizuka, Joe, Tomie, Junji e Chieko.

O contato com os colaboradores foi feito por intermédio de um pastor de igreja, que também teve experiência *dekassegui*, e uma coordenadora de Organização Não Governamental que atua junto aos *dekasseguís*.

As entrevistas foram realizadas remotamente por meio de videoconferência (Google Meet), em virtude das condições de distanciamento social impostas pela pandemia de COVID-19. Todas as entrevistas foram gravadas com autorização dos/as entrevistados/as e tiveram duração aproximada de 60 minutos. Após a transcrição, as entrevistas foram devolvidas aos colaboradores para verificação.

Foram analisados os itens presentes no roteiro de entrevista, destacando-se os aspectos

comuns apresentados pelos entrevistados e também os aspectos singulares. O material foi cotejado com a literatura de referência.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética no dia 14 de maio de 2021 e aprovado no dia 12 de julho de 2021. O número do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) é 47010921.2.0000.5561 e do parecer 4.842.044. O projeto não necessitou da apreciação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep). Foram seguidos todos os requisitos como garantia do sigilo e anonimato, livre acesso a informações e esclarecimentos adicionais e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Resultados e Discussão

Os entrevistados tinham idades entre 40 e 53 anos no período em que os dados foram coletados. Cinco nasceram na cidade de São Paulo e apenas dois fora da capital, um deles na Região Metropolitana (Junji) e outro no interior paulista (Ruy). Todos são da 3ª geração, netos de imigrantes japoneses, porém Tomie se considera de 2ª geração, apesar dos seus pais terem nascido no Brasil, porque estes possuem dupla cidadania. Tizuka e Joe são mestiços. Seis são casados e vivem com os filhos, Joe vive em regime de união estável e não tem filhos. Em relação ao nível de instrução, Ruy e Junji concluíram o ensino fundamental, Tomie terminou o ensino médio e os outros participantes declararam que concluíram o ensino superior após o retorno do Japão.

Da história de imigração da família, Tomie conta que os avós vieram de navio quando ainda eram adolescentes. *“Eles vieram de Okinawa mais por conta da guerra, fome e quando vieram pra cá eles foram separados dos irmãos e o meu avô ficou muito longe dos irmãos dele”*.

Tizuka também menciona a guerra como motivo da vinda da família ao Brasil. *“[...] a minha avó conta muito essa história, que ela veio [quando] tinha 20 anos, veio por conta da guerra. [...]”*. Conta que o avô, “o meu ditchan”, sofreu um acidente de caminhão, ficou com

sequelas e faleceu, deixando a avó viúva muito cedo e com filhos pequenos.

Algumas histórias das famílias são típicas dos imigrantes japoneses, que se instalaram nas fazendas de café no interior de São Paulo ao chegarem no Brasil (SAKURAI, 1995; ENNES, 2001; SASAKI, 2006; TAKEUCHI, 2010), mas depois mudaram para outros lugares e passaram a exercer outras ocupações laborais. Conforme Sakurai (1995), a mobilidade geográfica e a ascensão econômica dos imigrantes japoneses a partir da década de 1930 foi proporcionada pelos investimentos do governo japonês no Brasil, incentivada, orientada e amparada por técnicos do país de origem para a busca de novas oportunidades e novas áreas de povoamento. Tais condições possibilitaram às famílias saírem da condição de assalariados para se tornarem proprietários de terras (SAKURAI, 1995). Junji conta que a família foi morar em Pereira Barreto-SP, onde o bisavô tinha fazenda de café. Quando ficou doente, o bisavô dividiu as terras entre os filhos; com a herança, o seu avô foi morar em Suzano (região metropolitana de São Paulo), onde montou uma quitanda e trabalhou até se aposentar. Os avós de Manabu chegaram ao Brasil na década de 1930, foram para o interior trabalhar na lavoura, mas depois também se mudaram para Suzano e adquiriram um sítio para cultivar hortaliças (couve e alface) e fruta (caqui), assim como fizeram muitas famílias japonesas, que se instalaram na região que ficou conhecida como Cinturão Verde (SASAKI, 2006). A família de Chieko saiu de Garça (interior de São Paulo) e foi para Diadema (região metropolitana de São Paulo), onde o tio e o avô abriram uma loja (uma junção de papelaria, armarinho e bazar) onde vendiam de tudo, até brinquedos: *“Era duas portinhas, bem pequeninha”*, mas depois cresceu e se tornou bem conhecida.

As experiências e as dificuldades vivenciadas pelos avós foram lembradas por alguns dos entrevistados, como Manabu: *“Meu avô era bem fechado, minha avó também”*, por isso não tinha tanta informação sobre as histórias. Joe comentou que conheceu algumas histórias breves, como a contada por sua mãe sobre as dificuldades da avó com a língua: *“A minha avó ia comprar ovo, tinha que imitar uma galinha, sabe essas histórias?”* Sobre isso, é oportuno citar Okamoto (2007):

As diferenças relativas à língua dificultavam as relações entre os japoneses e a

população local. Muitas vezes, não conseguiam se expressar e por isso compravam produtos inadequados, demoravam a compreender as ordens dadas pelos fiscais das fazendas, além de serem enganados nos armazéns nos quais realizavam as compras de mantimentos e alimentos. (OKAMOTO, 2007, p.20).

Além da não familiaridade com a língua, alguns pioneiros enfrentaram dificuldades para se adaptar com a comida:

Estes tinham dificuldades de se adaptar à cozinha brasileira, baseada na carne seca, bacalhau e no arroz agulha. No início da imigração, os nipônicos ainda não dispunham de terrenos para o cultivo de verduras e hortaliças, básicas na culinária japonesa. Além disso, com o intuito de economizar, terminavam por negligenciar a alimentação, adoecendo por falta de calorias e proteínas. (TAKEUCHI, 2010, p.41).

Alguns dos entrevistados como Ruy, Tomie e Tizuka lembraram das tradições culturais, dos hábitos, dos valores e ensinamentos transmitidos e adquiridos na convivência com os avós.

Tomie recordou o valor que o avô dava ao estudo dos filhos: *“ele (avô) fez questão de todos os filhos estudarem o máximo que pudessem mesmo trabalhando na roça pra não depender de ninguém”*. O apreço pelos estudos também foi citado por Joe, que recorda a fala de sua mãe: *“Tem que estudar, tem que estudar, tem que estudar. Eu não consegui estudar, então vocês têm que estudar”*.

Manabu não considera que sua família preservou as tradições japonesas, mas recordou de alguns costumes:

[...] a gente costumava ir muito em festas do tipo *undokai* (gincana esportiva tradicionalmente realizada pelas comunidades japonesas), até em escola japonesa (*nihongakko* - escola onde ensina-se a língua, os valores e a cultura japonesa) eles me matricularam, matricularam meus irmãos [...] - (Manabu).

Mesmo tendo estudado em escola japonesa, reconhece que não sabia falar bem o japonês quando foi ao Japão. Assim como Manabu, Joe e Junji não falavam japonês, mas Junji aprendeu quando foi ao Japão. Tizuka e Chieko tinham conhecimento básico do idioma que foi ensinado em casa pelos pais e avós; apenas Ruy e Tomie falavam japonês quando foram para o Japão.

A religião foi outro item informado pelos entrevistados. Todos se declararam cristãos, sendo quatro evangélicos (Manabu, Tomie, Junji, Chieko) e dois católicos não praticantes (Ruy, Tizuka). Ruy, além de se considerar católico não praticante, também frequenta a *Seicho no Ie*³. Joe se declarou cristão, mas sem uma religião específica: “*Me considero cristão porque eu tenho a minha fé, eu acredito em Cristo, mas sem seguir nenhuma religião em específico*”. Manabu lembra que em sua casa havia um *butsudan* (altar, oratório budista e xintoísta para cultuar os antepassados), até os pais se converterem ao cristianismo. Em relação aos demais, não foi possível saber se o cristianismo foi transmitido pelas famílias ou se foi decorrente da conversão dos entrevistados. De toda forma, vale mencionar que o cristianismo se difundiu entre imigrantes japoneses que se instalaram no interior de São Paulo (ENNES, 2001) e recentemente nota-se um aumento de igrejas evangélicas no Japão, embora a prevalência ainda seja do catolicismo entre os imigrantes brasileiros (YANO, 2013).

A comida como parte de preservação da cultura japonesa dentro da família foi algo marcante para todos os entrevistados. Alimentos como o *gohan* (arroz japonês), *tofu* (queijo de soja), *tsukemono* (conserva de vegetais), *missoshiro* (sopa de missô - pasta de soja fermentada), *udon* (tipo de macarrão), *onigiri* (bolinho de arroz japonês), *ozoni* (sopa consumida tradicionalmente no ano novo) e *nishimê* (cozido de legumes consumido em datas especiais) foram citados como comidas que remetem à infância e que trazem saudade da comida da casa da avó, das reuniões de família e festas de final de ano, como observado nos relatos:

[...] a gente lembra, né, eu lembro do meu avô, sabe? Da minha avó quando tava junto, sentava na mesa e comia. Era casa simples. Saudade. Prazer também - (Ruy).

É o arroz japonês que a minha *batchan* (avó) sempre fazia o *onigiri*, é uma bolinha (de arroz) japonesa, nossa ela fazia render pra tantos netos. É espetacular. Me lembra da infância. [...] não fazia bolinha grande, fazia bolinhas pequenas e cada um de uma forma, uma redondinha, a outra meio triângulo e ela fazia os *tempurás*, um monte de *tempurá*, rendia porque nada era desperdiçado - (Tomie).

³ *Seicho no Ie*: religião japonesa fundada em 1930 por Masaharu Taniguchi.

Um sentimento de saudade, de voltar no tempo, mas é uma saudade boa, de lembrança que a minha avó fazia [...] quando tava todo mundo aí ela fazia aquele monte pra gente comer, quando a gente viajava pra praia também, aquele monte de bolinho, monte de *onigiri* que ela fazia, as vezes com *umê* (ameixa ou damasco chinês em conserva) , com *shogá* (gengibre) ou com missô (pasta de soja fermentada). Então isso são coisas que é uma lembrança gostosa - (Tizuka).

Segundo Chieko, essas comidas trazem “*um sentimento de aconchego*”. As lembranças são relacionadas não apenas à comida, mas também ao ato de cozinhar.

Minha mãe, embora a gente fosse criança, adolescente, a gente não queria fazer. Aí ela falava: tem que acordar cedo. Aí fazia uma panelona de arroz e tinha que cortar os legumes do jeito que é na cultura japonesa, não pode ser diferente. [...] Então era bem marcante. Então eu me lembro assim com carinho, com saudade e a gente tenta preservar isso ainda hoje - (Chieko).

Joe se recorda da tradição em família de comer *ozoni* na manhã de ano novo:

Eu lembro muito disso, do amanhecer do *réveillon*, que a gente passava em família. [...] E família que eu digo não é nem só meus pais e minha irmã, era família, tios, primos se reunia na casa da *batchan* que era uma casa grande e aí de manhã, depois da noite do *réveillon*, que era basicamente em família, de manhã eu lembro que tinha isso. Essa tradição. É uma coisa que fica em mente. Eu lembro disso até porque é uma coisa que dá um certo saudosismo porque hoje o *réveillon* é cada um por si - (Joe).

Dentre os entrevistados, apenas Joe não consumia mais alimentos que remetem à infância. Os demais continuaram a consumir *gohan*, *missoshiro*, *tofu*, *udon*, *tsukemono* e ensinam para seus filhos esses hábitos. No seu relato, Chieko mostrou sua percepção sobre a comida em sua família:

Acho que é o que fica mais marcado na cultura acho que é a comida. A comida é uma coisa que além de reunir todo mundo que é uma coisa que é feita pra reunir as pessoas remete ao Japão mesmo. Acho que eles também se lembram do Japão por isso que fica bem marcado na gente. E é o que a gente tem mais saudade do Japão é a comida - (Chieko).

Conforme já exposto, a comida faz parte da construção da memória, da identidade e do senso de pertencimento, além de auxiliar aqueles que migram a manter os laços com sua terra natal.

Experiência *Dekassegui*

Quadro 1 - Situação dos participantes na época da migração ao Japão.

Nome	Idade quando foi ao Japão	Período	Estado Civil quando emigrou	Com quem viajou?	Onde morava?	Trabalho
Manabu	21	1993-1996	Solteiro	Sozinho	Alojamento	Indústria automotiva
Ruy	15/16	1990-1998	Solteiro e casou-se	Família (pais e irmã)	Não mencionado	Lavanderia Indústria automotiva
Tizuka	18/19	1996-1998	Solteira e casou-se	Duas primas	Alojamento	Indústria automotiva
Joe	19	1992-1993	Solteiro	Sozinho	Alojamento/casa alugada dividindo com outro brasileiro.	Demolição Corte de chapa metálica.
Tomie	18	2000-2004 2006-2011	Casada	Marido e filha	Casa alugada	Fábrica de componentes Cuidadora de crianças Indústria metalúrgica
Junji	14	1989-2007	Solteiro	Família (pais, irmão, irmã e cunhado)	Casa compartilhada Casa com noiva	Fundição de carburador Fábrica de mesas Fábrica de peças
Chieko	21	1991	Solteira	Duas irmãs e cunhado	Alojamento com irmãs Casa dos pais do noivo Casa com noiva	Fábrica de produtos eletrônicos Fábrica de mesas Fábrica de peças

A maioria dos entrevistados foi ao Japão na década de 1990; eram jovens, com idades entre 14 e 21 anos, e solteiros, exceto Tomie, a única que viajou casada, nos anos 2000. Apenas dois rapazes (Manabu e Joe) viajaram sozinhos e os demais foram acompanhados pela família ou com irmãs. À época, os entrevistados estavam cursando ensino fundamental ou ensino médio, com exceção de Chieko que tinha ensino superior incompleto.

As características dos entrevistados coincidem com o perfil dos *dekasseguis* desse período, conforme Okamoto (2007):

Nesse período, existe uma mudança no perfil do trabalhador, constituído principalmente por uma faixa etária mais jovem (entre 18 e 45 anos), constituída por nisseis e sanseis (2ª e 3ª gerações), solteiros e recém-casados (com ou sem filhos), pois muitos emigravam com a família. A familiaridade com a língua é menor nesse período [...]. (OKAMOTO, 2007, p.79).

As motivações para migrar para o Japão são semelhantes, sendo possível inferir a econômica como a principal, assim como ocorre com a maioria dos *dekasseguis*, conforme Beltrão e Sugahara (2006) apesar de os contextos de vida de cada um serem diversos. Quando foi para o Japão, em 1993, Manabu tinha 21 anos e trabalhava em um banco. Sua decisão de migrar ocorreu pela falta de perspectiva: *“era época do, se eu não me engano, era época do governo Collor, foi a época do confisco. Aí tava uma situação meio ruim, (...) eu não via muita perspectiva.”*

Ruy tinha entre 15/16 anos e viajou acompanhando sua família composta pelos seus pais e sua irmã. A motivação de seu pai para migrar foi o trabalho: *“Eu lembro meu pai era bem assim humilde, aí o que motivou ele ir foi o trabalho, eu fui no embalo, jovem.”* Trabalhou com a sua família em lavanderia e na indústria automotiva.

Tizuka foi para o Japão em 1996, aos 18/19 anos, acompanhada por duas primas, com a motivação de conhecer a cultura e o país de seus avós e retornou em 1998, casada com Ruy. Joe havia terminado o ensino médio e apesar de realizar estágio, não tinha muita perspectiva e condições para custear a faculdade. Viajou para o Japão aos 19 anos atendendo a recomendação de sua mãe, a qual considerava uma boa oportunidade. Ficou cerca de um ano, de 1992 a 1993.

Tomie foi duas vezes para o Japão, sendo a sua primeira experiência aos 18 anos quando permaneceu pelo período de 2000 a 2004 e depois de 2006 a 2011. Foi para o Japão a trabalho junto com o seu marido e sua filha de seis meses de idade. Da primeira vez trabalhou em fábrica de componentes eletrônicos e cuidadora de crianças e da segunda, na indústria metalúrgica.

Chieko contou que seu namorado, na época, foi trabalhar no Japão, em 1990: *“[...] os dekasseguis, todo mundo indo para o Japão e os amigos dele começaram a ir quase todos e*

aí ele falou: eu também vou. Aí ele pediu demissão e foi.” Recorda que ele contava sobre o Japão, das facilidades, das coisas difíceis, da saudade, mas não queria que ela fosse para lá. Mas, contrariando o conselho do namorado: “[...] *eu falei: eu também quero ir, eu também quero conhecer o Japão.*” Como o pai não queria que ela fosse sozinha, Chieko viajou com duas irmãs e o cunhado. Morou inicialmente com as irmãs em um alojamento e depois se mudou para a casa dos pais de seu futuro marido (Junji), que não era o namorado do início da viagem.

Junji foi aos 14 anos para o Japão com seus pais, o irmão mais novo, a irmã mais velha e o ex-cunhado no ano de 1989, permanecendo lá até 2007. No início, morou em casa compartilhada junto de outras famílias e depois foi morar com Chieko, com quem se casou ao retornar para o Brasil.

As dificuldades com o idioma japonês, comum entre os *dekasseguis* que migraram nesse período (OKAMOTO, 2007; TASHIMA; TORRES, 2018) foram relatadas também por alguns dos entrevistados. Como mencionado anteriormente, apenas Ruy e Tomie falavam japonês quando foram ao Japão; Manabu não falava fluentemente, mas após oito meses morando lá passou a se comunicar bem. Junji não sabia japonês, mas aprendeu ao longo dos 18 anos que morou no país. Tomie contou que inicialmente também teve dificuldades com a língua porque aprendeu com seus pais a língua de Okinawa, que era desconhecida na região em que morava no Japão. Joe não sabia japonês e não aprendeu no período em que morou lá.

Tizuka e Chieko tinham conhecimento básico do japonês aprendido com a família, mas foi no Japão que Tizuka percebeu que a língua preservada pela família tinha se estagnado no tempo, não acompanhando as mudanças ao longo dos anos. Ao chegar no Japão, Tizuka se deparou com outra realidade:

[...] quando eu fui para o Japão não teve jeito mesmo, aí a gente teve que se virar com o conhecimento porque o que a minha avó falava, que nem banheiro, minha avó falava: Ah! vamos no *benjo*⁴ e no Japão, agora na atualidade, não se fala. Meu

⁴ *Benjo*, banheiro em japonês, foi substituído por *toire*, derivado de *toilet*. Inúmeras outras palavras da língua inglesa foram incorporadas ao vocabulário cotidiano como *raisu* (rice), *poketto* (pocket), *shitoberuto* (seat belt), *handobaggu* (hand bag), *sukato* (skirt), *shatsu* (shirt), *terebi* (television) etc.

pai fala *benjo* até hoje. É coisa muito antiga que a gente aprendeu com os isseis, japoneses que vieram, migraram para o Brasil e aí depois modernizou - (Tizuka).

A constatação desse anacronismo vivenciado por Tizuka é exemplar e foi compartilhado também em um depoimento⁵ dado por Akiyama, médico nikkey, sobre a sua estadia no Japão: *“Notei que nós nikkeis somos japoneses antigos, com culturas e valores trazidos pelos nossos ancestrais. Nesse tempo, o Japão sofreu uma transformação espantosa. O resultado é que somos exemplares do japonês fossilizado”* (AKIYAMA, 1995, p.72).

Além das dificuldades com a língua, os entrevistados também mencionaram a saudade dos pais, dos amigos e a complexidade de se comunicar com eles apenas por cartas, como destacado por Manabu, que morou em alojamento com outros brasileiros e trabalhou na indústria automotiva. Para Ruy, a falta de amizades, no início, foi uma dificuldade. Tizuka e as duas primas ficaram instaladas em um alojamento com outra brasileira natural do Mato Grosso. Ressaltou que o frio e a saudade foram difíceis, mas ainda assim, considerou a experiência muito positiva:

Foi muito positivo, pra minha vida, essa experiência de ter saído, de ter ido sem os meus pais, de ter me permitido aprender, me permitido uma idade jovem, imatura, ter me permitido de ampliar meu conhecimento, de conhecer as raízes da origem dos meus avós, eu acho que isso foi bastante marcante - (Tizuka).

Chieko morou inicialmente em um alojamento com suas irmãs, depois se mudou para a casa dos pais de Junji e por fim foi morar com ele em outra cidade. Mencionou apenas o deslocamento para o mercado como dificuldade devido ao local em que vivia.

Três entrevistados relataram dificuldades com os trabalhos que lhes eram destinados. Joe mencionou duas experiências ruins, uma com demolição de casas e outra com corte de chapas metálicas. Lembra ainda que a empresa que o recrutou não cumpriu o que havia prometido. Ressaltam-se as vivências complicadas de Joe, considerando que ele estava sozinho e tinha 19 anos. Junji, mesmo com apenas 14 anos, chegou a trabalhar 45 dias

⁵ Entrevista publicada em: AKIYAMA, K. Entre dois mundos. Revista USP. Dossiê Brasil-Japão, [s.l.], n.27, p.68-73, 1995.

sem folga, sofrendo lesões pelo corpo por conta da função realizada.

Era fundição de carburador, eu fazia as carcaças dos carburadores. Essa foi, assim, foi a pior experiência que eu tive de Japão porque eu fiquei com alergia do óleo, como a peça saia quente então tinha que tirar as rebarbas, então eu fiquei sem pêlos dos antebraço, sem a pele da barriga, das coxa porque molhava muito com óleo. Trabalhei 45 dias corrido, sem folga - (Junji).

Uma das entrevistadas relatou que teve uma perda gestacional provocada por produtos químicos que usava no exercício de sua função. Os relatos dos entrevistados convergem com o que foi encontrado na literatura sobre os *dekasseguis*, aos quais eram destinados os trabalhos mais duros, que não exigiam qualificação e que eram recusados pelos japoneses (ROSSINI, 2004; BELTRÃO; SUGAHARA, 2006; SASAKI, 2006).

Ainda sobre as experiências no trabalho, alguns relataram que tinham pouco tempo para o almoço, cerca de 40 minutos, e por essa razão precisavam comer rápido, ou que as condições de alimentação eram inadequadas.

Você não podia pegar muita coisa. Eu comia bem, mas se você pegasse muita coisa não dá tempo de comer, sabe? Porque era 45 minutos de almoço. Até você ir no banheiro, arrumar as coisas, correr lá pra cima, é uma fila, era uma fila grande sabe? Até você arrumar um lugar pra sentar porque não tem lugar certo aí você tinha que achar uma cadeira ali e sentar - (Ruy).

No trabalho era ruim porque era o próprio pessoal da demolidora que vinham, duas senhoras chegava lá, sei lá, onze horas da manhã, elas vinham com os *obentôs* (marmita japonesa) e deixavam ali a céu aberto, quente, só que você tá na neve, passava ali meia hora a comida tava gelada. Então a gente abria aquela marmitinha pra comer ela tava gelada. Era horrível - (Joe).

A alimentação no trabalho, para a maioria dos entrevistados, era realizada com os *obentôs* fornecidos pelas fábricas. Dentre as variedades de composição desses, destacam-se *gohan*, *karê* (curry), *missoshiro*, frango, peixe, cenoura, berinjela, abóbora, nabo e repolho. Para Junji, a quantidade de comida era insuficiente: *“Assim, pra gente que é brasileiro, era bem pouco. Como eu era adolescente, adolescente tem fome de leão, eu achava que era bem pouco.”*

No que tange à alimentação dos *dekasseguis* em casa, percebe-se que os homens que viajaram sozinhos e precisavam cozinhar buscavam preparar refeições mais semelhantes com as do Brasil, que incluía arroz, frango grelhado ou ovo e verdura cozida.

Era, mas é coisa bem rápida, era arroz, principalmente era arroz, frango grelhado que eu não tinha que fazer muita coisa, carne. Eu digo que eu acho que eu sobrevivia lá porque eu não fazia muita coisa assim. Tinha cenoura, pepino, queijo, frios em geral, verduras, uma saladinha às vezes, tomate - (Manabu).

Em casa a gente fazia compra, mas assim, era o mínimo esforço possível. Então o que a gente fazia muito, a gente tinha a panela elétrica de arroz, a gente comprava lá o gohan,[...] frango a gente comia muito porque no Japão a carne vermelha ela é bem cara, peixe também é caro, [...] Frango e o porco eram as proteínas mais baratas, o ovo. Então a gente fazia um franguinho, um grelhado, um franguinho frito, um peixe, alguma coisinha com arroz, jogava lá um *furikake* (tempero para arroz). Não variava muito disso não, um ovo. E ficava nessa repetição - (Joe).

Já as mulheres, mesmo as que viajaram solteiras, buscavam incluir alimentos típicos da região e faziam uma alimentação mais variada.

Eu fazia assim era misto mas lá eu aprendi a cozinhar muita coisa, mas assim comida japonesa mesmo. Como lá era mais acessível e a minha vizinha me dava, ela tinha plantação, então ela me dava muita coisa só que tinha algumas coisas que eu não conhecia e aí eu perguntava pra ela como fazia, aí ela me ensinava - (Tomie).

Os entrevistados não apresentaram dificuldades para se adaptarem com a comida do Japão, porém um fator citado por quase todos eles foi a comida adocicada que causava certo estranhamento no começo até a adaptação do paladar.

Eu estranhei o paladar, eu sempre achei a comida japonesa mais adocicada, adocicada assim [...], não tem muito sal, mais doce, acho que essa diferença que eu senti, mas é o paladar mesmo - (Tomie).

Eu achava tudo muito doce. Tudo tinha tipo um molho em cima, não era ruim, mas até o nosso paladar se adaptar a esse sabor mais adocicado demora um pouco, mas aos poucos você vai se adaptando. Depois que você mora lá você se adapta e aí você começa até achar gostoso e até você sente falta depois - (Chieko).

Os dois entrevistados que foram quando eram mais jovens não estranharam esse sabor mais adocicado. Ruy relatou com certa empolgação a comida do Japão ao chegar lá.

Comida eu adorei né? Eu gostei pra caramba da comida de lá. Quando eu tava aqui eu já comia *tsukemono*, o arroz japonês na época quando eu era mais jovem não tinha lá na minha cidade esse arroz, aí quando eu comi lá esse arroz eu gamei. O arroz de lá é uma delícia. Na comida eu me adaptei bem - (Ruy).

Eles não usam muito alho pra temperar a comida e pouco sal. Eu sentia bastante falta disso. O alho e o sal (...) Falta um pouco de tempero mas eu comia de tudo. Só achava que faltava um tempero - (Junji).

Das diferenças encontradas na comida do Japão quando comparada ao que estavam habituados em suas famílias no Brasil, além do sabor adocicado já mencionado, Ruy e Tomie sentiram diferença no *missoshiro*.

O *missoshiro*, gente, o *missoshiro* que eu tomei no Japão é um bem simples, o *missoshiro* da minha *batchan* que eu recordo, NOSSA! É um *missoshiro* que parece que sustentava - (Tomie).

Dá diferença sim, não sei se é o produto em si, você vê que o produto lá, aqui era muito caseiro né, lá acho que era mais industrializado assim sabe? - (Ruy).

Das comidas brasileiras que sentiram falta mencionaram pão francês, feijão, churrasco, salgadinhos de bar, salgadinhos *Elma chips*[®], café, Guaraná[®], Sukita[®], pão com mortadela. Foram citadas frutas como melancia, manga, melão, uva que apesar de estarem presentes no Japão o preço era inacessível para eles.

De acordo com Rossini (2004), devido à forte presença de brasileiros no Japão, pode-se encontrar restaurantes que servem um típico churrasco gaúcho ou na modalidade rodízio e até caminhões que vendem produtos típicos do Brasil como feijão, charque, goiabada, bananada entre outros, além de lojas que vendem produtos *in natura* comuns no Brasil como rúcula, chuchu, mandioca e abobrinha.

A presença de estabelecimentos para suprir as necessidades do público brasileiro foi mencionada por alguns entrevistados: açougues, pastelarias, mercados e caminhões com produtos onde podiam adquirir desde o bombom até novelas brasileiras gravadas em VHS, fato que foi mencionado também nas pesquisas de Sasaki (2000) e Rossini (2004). Quando ainda não havia essas opções, Chieko e Junji chegaram a ir em restaurantes de massas buscando uma comida que lembrasse o Brasil, porém o macarrão era doce.

Eram caminhões pequenos, como se chama aqui no Brasil de VUC. Esses VUCs, eles vinham, abriam as portas, aí tinham várias prateleiras, tinha enlatados, arroz, feijão, arroz brasileiro, até doces, Bis[®], nossa muito Bis[®] lá, chocolate, caixa Garoto[®], essas tranqueira em geral. E a gente sentia muita saudade - (Manabu).

Depois de um tempo o mercado começou a chegar na nossa casa através de caminhões de produtos brasileiros. Aí foi chegando bastante coisa dentro dos caminhões. Aí tinha até fita, eles gravavam fita com programação do Brasil, novela, aí a gente tinha acesso, aí foi legal [...] Começou a entrar muito produto brasileiro no Japão e montaram muitas lojas de produtos brasileiros, então começou a entrar feijão, carne, você tinha a possibilidade de comprar carne por quilo porque no Japão, até então, a gente comprava gramas de carne, aí abrindo os açougues - (Chieko).

Junji, Chieko, Ruy e Tomie tiveram uma experiência de completa integração com os japoneses, construindo vínculos de amizade e afeto dentro da comunidade. Tizuka fez amizades com alguns colegas da fábrica e trocavam experiências de aprendizado da língua japonesa e portuguesa, uma vez que os colegas japoneses se interessavam por aprender português. Já Joe e Manabu pouco se integraram com os japoneses, permanecendo a maior parte do tempo entre brasileiros e o contato com japoneses ocorria durante o expediente de trabalho. Joe, tinha amizades com japoneses durante o ensino médio, teve relacionamentos afetivos com mulheres orientais e mesmo sendo mestiço, sempre teve maior proximidade com sua família de descendência japonesa. Entretanto, no Japão, Joe não se integrou, não fez amizades com japoneses, não aprendeu a língua e durante o ano que ficou lá o seu contato foi apenas com brasileiros.

Apesar dos diferentes níveis de integração, todos eles disseram que nunca sofreram preconceito por serem brasileiros ou que foram discriminados. Ruy e Junji, inclusive, eram tratados como japoneses e Junji quer voltar para o Japão porque se considera japonês e não gosta do Brasil.

Eles faziam de tudo pra, eu trabalhei, nessa cidade tem muitos idosos então a maioria das pessoas que trabalham é gente idosa, a gente era jovem naquela época então pra eles era uma novidade ver gente jovem então, eu pelo menos, era super bem tratada, eles faziam de tudo pra me agradar, cuidava de mim, fazia comida e levava pra mim, era assim, eu fui bem assim mimada - (Chieko).

De modo algum. Quando eu decidi vir embora, nossa! Era tanto vizinho chorando, parecia que era família. Eles choraram mais que quando minha família aqui quando eu fui embora pra o Japão - (Tomie).

Retorno para o Brasil

Segundo Souza (2014), a retomada do crescimento econômico brasileiro na primeira década do século XXI e o aumento das oportunidades no mercado de trabalho foi um dos motivadores para o retorno de muitos brasileiros que estavam fora do país, bem como de outros estrangeiros provenientes do Haiti, Senegal, Bengala, entre outros. Outro fator que contribuiu para o retorno de muitos *dekasseguis* foi o terremoto que ocorreu no Japão em 2011.

Apesar da situação econômica e financeira ter sido a motivação para o retorno de muitos *dekasseguis*, essa não foi a razão para os entrevistados. Chieko e Junji retornaram porque ela estava grávida e queria que o filho nascesse no Brasil; Tomie retornou porque suas filhas estavam com dificuldades para acompanhar a escola; Manabu pretendia ficar apenas dois anos e ficou três e por isso decidiu retornar; Joe teve um problema de saúde e suas experiências com trabalho não estavam boas por isso retornou para se tratar, ainda com a intenção de voltar para o Japão dentro do período de três meses, mas isso não aconteceu.

No retorno, cada um teve uma experiência diferente relacionada a circunstâncias individuais. Percebe-se que as situações foram melhor enfrentadas dentre aqueles que conseguiram se inserir rapidamente no mercado de trabalho. Manabu retomou o emprego no banco na segunda semana que havia retornado e Joe, para empresa em que era estagiário quando migrou para o Japão.

Das dificuldades enfrentadas foram mencionados fuso horário, dinheiro (não sabiam o real valor do dinheiro e das mercadorias e tinham medo de serem enganados), segurança pública, lidar com o público e adaptação das filhas na escola. As filhas de Tomie estudavam em escola japonesa e estavam com problemas de aprendizagem, mas ao retornarem para o Brasil se depararam com um sistema de ensino completamente diferente e outra cultura, por isso tiveram muita dificuldade para se inserir. Sua filha mais nova, com cinco anos, por exemplo, tinha dificuldade de jogar o lixo porque no Japão havia lixeiras para cada tipo de material e na escola brasileira encontrou uma única lixeira e

por essa razão voltava com todo o lixo dentro da mochila, até mesmo casca de banana. Suas filhas não queriam ir para a escola e demoraram em torno de um ano para se adaptarem. É importante ressaltar que as dificuldades de adaptação escolar dos filhos de *dekasseguis* no Japão (NAKAGAWA, 2005; OKAMOTO, RESSTEL, BARROS, 2021), assim como as dificuldades de adaptação à escola brasileira (TANAKA, 2009; RESSTEL; JUSTO; OKAMOTO, 2015; OKAMOTO; JUSTO; RESSTEL, 2017; NAKAGAWA, 2018;) no retorno, tornaram-se objeto de investigação em outras pesquisas.

Ao voltarem para o país de origem, se deram conta que migrar é uma viagem sem volta, tal qual a lenda do folclore japonês de *Urashima Taro*;⁶ perceberam que se trata de uma nova migração e, não um regresso para o mesmo lugar, para a mesma realidade que deixaram quando partiram. O país não parecia o mesmo, familiares que ficaram não eram mais os mesmos, alguns faleceram, e quem retornou também não era mais a mesma pessoa porque passou por transformações (SOUZA, 2014; DANTAS et al., 2010).

Esse fato pode ser percebido no retorno de Tomie que teve que lidar com o seu divórcio; e Joe não tinha mais a casa dos seus pais para morar quando retornou porque eles haviam se mudado para o interior.

No retorno, eles trouxeram na bagagem novas experiências com a comida e algumas preparações ganharam novos significados, imprimindo uma memória carregada de afeto que ainda tentam resgatar no Brasil quando comem determinada comida. Alguns reproduzem o preparo em casa, outros buscam em restaurantes ou na Liberdade (bairro oriental da cidade de São Paulo). O aspecto em comum entre aqueles que buscam reviver aquele tempo ou determinado sabor é considerar que “não é igual” ao que comiam no Japão.

⁶ A lenda de *Urashima Taro*, muito conhecida do folclore japonês, foi citada em artigo por Kohatsu (2019). Trata-se da história de um pescador que resgata uma tartaruga e esta, como sinal de gratidão o leva para conhecer um Palácio no fundo do mar. Encantado pela beleza do lugar, o pescador fica durante anos longe de sua aldeia e quando retorna já não reconhece mais o lugar, sua mãe já havia morrido e então se dá conta que ele também havia envelhecido.

Ao serem perguntados em que momento optavam por essas comidas, as respostas foram em reuniões com amigos, momentos de descontração com a comunidade ou então no último dia de trabalho da semana. Aqui, a comensalidade aparece como fator agregador e de criação de vínculos (MOREIRA, 2010; LIMA et al., 2015). No partilhar do alimento houve acolhimento, afeto e criação de memórias. Ficaram nessas comidas a associação de momentos felizes que não podem ser reproduzidos no Brasil ou mesmo que retornassem para o Japão, já que não se pode viver o mesmo momento duas vezes.

O sabor da comida, além de ser adquirido pelos ingredientes utilizados, parece estar associado à emoção do momento vivido, às pessoas que compartilham a mesa, às conversas, às sensações e aos significados que essa comida desperta. Tal qual o conto “Omelete de amoras”, quando o cozinheiro do rei, ao ser solicitado por este que preparasse o prato com o mesmo sabor de quando era menino, respondeu:

Minha omelete não vos agradará ao paladar. Pois como haveria eu de temperá-la com tudo aquilo que, naquela época, nela desfrutastes: o perigo da batalha e a vigilância do perseguido, o calor do fogo e a doçura do descanso, o presente exótico e o futuro obscuro. (BENJAMIN, 1995, p.220).

Memórias são criadas e recriadas em um meio sensorial, migrar representa uma alteração nesse meio com mudanças na comida, cheiros e sabores. Os sentidos, através de uma comida familiar, podem despertar memórias e a “sensação de estar em casa” (CODESAL, 2010).

Dos alimentos que remetem ao Japão, foram citados *okonomiyaki* (panqueca japonesa geralmente feita à base de repolho), *takoyaki* (bolinho com recheio de polvo), salsicha empanada, salada de repolho, *gyudon* (preparação a base de arroz, carne bovina e cebola), *karê*, *shukurimu* (bolinho recheado com creme), *onigiri*. Das memórias que essas comidas despertam, destacam as amizades que ficaram, as festividades, o cheiro dos mercados, os vizinhos e o sentimento de estar em casa.

Eu sinto bem assim, me sinto bem, bem próxima do Japão. Esse sabor de tá em casa também porque lá não deixou de ser uma casa da gente - (Chieko).

Eu comi lá na Liberdade. Não é igual, mas bate aquela saudade [...] era uma descontração tão gostosa na comunidade e esse *takoyaki*, nossa, me lembrou, me lembrou todos os meus vizinhos, nossa, até os mais velhinhos, eu fico pensando essas pessoas acho que até já se foram mas eu tenho saudade porque foram, os meus pais não estavam lá mas às vezes pareciam ser meus pais - (Tomie).

Olha eu comia quase todo dia aquele *shukurimu*, é uma bombinha que vem um creme dentro [...] e a daqui não é igual, mas é um genérico. Então eu comia todo dia isso, os *onigiri* eu comia também sempre e daqui também é diferente, mas eu sinto muita falta disso - (Tizuka).

Traz lembranças. Na hora que eu olho assim eu lembro, saía desesperado. Dava cinco horas, era quinze minutos, eu saía correndo por causa desse docinho aí pra não acabar, sabe? [...] Ai quando vou na Liberdade, se der tempo, nossa, tem lá aí eu compro uma bandeja - (Ruy ao falar do *shukurimu*).

Chieko e Junji sempre comiam em um restaurante no último dia de trabalho da semana, o *karê* ou o *gyudon*, e mesmo preparando em casa não consideram que fica igual ao que comiam no Japão. Ao serem perguntados se retornariam a esse restaurante em outra oportunidade de ida ao Japão, responderam: “*Eu acho que ia ser a primeira coisa que a gente ia fazer pra almoçar ou jantar lá*” (Chieko e Junji).

Tizuka diz não encontrar no Brasil a comida de uma rede de restaurantes em que a especialidade era hambúrguer e era servido com arroz, salada de nabo, alface, tomate cereja e um molho, “*Isso não tem aqui. De jeito nenhum*”. As lembranças associadas a esse local são de momentos bons e agradáveis na companhia dos amigos

Então a lembrança que eu tenho desse local e de outros são sempre lembranças, reunião com os amigos, com parentes, sempre rindo, sempre falando de coisas boas, de notícias boas, de saudade do pessoal do Brasil, mas nunca um sentimento de tristeza. Quem vai chorar, quem vai se lamentar não consegue nem comer né? - (Tizuka).

Para os entrevistados alguns sons e cheiros como o som da cigarra, a flor *sakura* (cerejeira), músicas, cheiro do *momo* (pêssego) ou o céu avermelhado no pôr do sol remetem ao Japão e despertam a saudade.

Tem o cheiro e tem os barulhinhos que eu sinto falta. O cheiro é do *momo*, do pêssego [...] É um cheiro inesquecível. Fica na memória da gente. Eu não consigo achar igual. Você pode pegar qualquer coisa, um suco de pêssego, tentar cheirar mas não é igual, não é. Eu tenho muita saudade desse aroma, daquelas plantaço de pêssego, nossa eu tenho muita saudade - (Tomie).

Ruy, Tizuka e Tomie incluíram em sua rotina alguns alimentos ao retornarem do Japão. Ruy, desde que voltou, consome apenas arroz japonês e incluiu o *shoyu* (molho de soja) e o *natto* (soja fermentada) na sua alimentação. Tizuka come toda semana *tofu* e passou a usar cebolinha em toda comida que prepara. Tomie aprendeu a fazer uma salada de repolho com sua vizinha e agora prepara toda semana. Essa salada era consumida nas reuniões que participava na comunidade e disse que sente saudades desses momentos.

Junji, dentre os entrevistados, foi o que mais se identificou como japonês no Japão e que não era visto pelos japoneses como estrangeiro. Na sua infância e adolescência, até ir para o Japão aos 14 anos, não tinha amizades com descendentes de japoneses, dizia que não gostava de “japonês” porque eram metidos e faziam “panela” e não gostava disso. Ao se mudar para o Japão, foi contra a sua vontade, mas não tinha escolha, foi uma decisão de seu pai e precisava ir junto. Hoje pensa em se mudar para o Japão.

Por isso que o meu chefe mesmo falava pra mim virar japonês que eu tava mais acostumado lá. Na verdade, ele entendia, na verdade, que eu era japonês eu só não nasci no Japão. Como eu tenho a parte, tanto do meu pai como da minha mãe são *nihonjin* (japonês), são japoneses mesmo. Ele entendia, não considerava eu como um *dekassegui*, sou um japonês que não nasceu no Japão - (Junji).

Uma característica da cultura japonesa é a valorização do pertencimento e quando um indivíduo não se encaixa é excluído o que impõe um desafio entre fazer ou não parte (DANTAS et al., 2010). Junji não se “encaixava na panela” dos descendentes antes de migrar para o Japão e provavelmente por essa razão, pelo não pertencimento, não construiu nesse período uma identidade japonesa. No Brasil, em contrapartida, por seus caracteres fenotípicos, sempre foi o “japa”, gerando um sentimento de não pertencer. Ao se sentir acolhido no Japão, a identidade, que está em constante construção, se transformou e ele passou a se identificar com eles e pertencente àquele lugar e cultura.

A formação da identidade por requerer o contato com o outro e por estar atrelada às vivências dos indivíduos pode explicar o motivo para Joe, que no Brasil tinha maior contato com sua família japonesa e amigos “japoneses”, enquanto no Japão, não se integrou e apenas conviveu com brasileiros. Joe não falava japonês e não aprendeu a língua durante sua estadia no Japão o que impediu o contato com os japoneses e uma

possível reconstrução de sua identidade e o senso de pertencimento.

Essa modificação da identidade que ocorreu para alguns deles fez com que se transformassem em sujeitos divididos e passaram a conviver, desde então, com a dualidade de lugares, sentimentos e lembranças.

É ruim esse sentimento de *dekassegui* porque você não se sente mais feliz porque você fica pela metade. Você tá aqui, você quer voltar pra lá, se você tá lá, você sente saudade daqui - (Chieko).

Na verdade, a gente ficou sem pátria porque aqui a gente é japonês e a gente tando lá, a gente é brasileiro, entendeu? - (Junji).

Considerações finais

Esta pesquisa teve por objetivos conhecer a história de imigração da família do entrevistado no Brasil, a experiência de emigração como *dekassegui* ao Japão e o processo de readaptação no retorno ao Brasil. E também, como objetivos específicos, conhecer os significados, as memórias e os afetos relacionados aos hábitos alimentares e como estes estão inseridos no processo de construção da identidade e comparar as experiências de homens e mulheres que emigraram sozinhos com as experiências daqueles que emigraram com a família (esposa(o) com ou sem filhos).

Em relação à história de migração de suas famílias, os participantes não demonstraram conhecê-la com profundidade, pois as informações eram poucas e às vezes muito vagas e superficiais. A consulta aos documentos, fotografias, objetos, registros e relatos de outros familiares poderia permitir maior detalhamento e aprofundamento da investigação, mas nesta pesquisa optou-se por privilegiar apenas a memória e os relatos dos próprios entrevistados.

Os homens que migraram sozinhos preservaram, em maior medida, os hábitos alimentares brasileiros, enquanto as mulheres assimilaram mais os alimentos locais. Isso

pode estar associado ao fato de, tradicionalmente, ser destinado às mulheres os trabalhos domésticos, incluindo o preparo dos alimentos. Por essa razão, não ficaram na “zona de conforto” do que já estavam acostumadas e buscaram conhecer outros alimentos, descobrir como preparar e incorporar isso aos seus hábitos.

Pode-se destacar que através da comida os entrevistados buscaram reviver momentos, sentimentos e emoções; ademais, a comida estava presente e associada à construção da memória, relações de afeto e parte da preservação da cultura. Para os entrevistados, a comida japonesa fazia parte das lembranças da infância, da relação com os avós e outros familiares e alguns preservaram isso até hoje. No Japão, o estranhamento em relação à comida se deu pelo sabor adocicado. Na comida que estavam habituados no Brasil, o doce não era tão acentuado. Algo que não pode ser respondido é o motivo dessa diferença. Seria pela adaptação feita no Brasil por quem migrou ou a comida do Japão se modificou desde o tempo em que seus avós migraram?

A comida também está associada à construção e manutenção da identidade e do senso de pertencimento. A maior parte deles sentia saudades da comida do Japão, havia uma certa nostalgia e, ao comer a mesma comida no Brasil, não sentiam o mesmo sabor. Relataram que a comida não é igual e esse sentimento parecia ser mais intenso entre aqueles que se identificavam mais com o Japão e a sua cultura. Essa identificação, em partes, pode ser explicada pelo aprendizado da língua, o que proporcionou maior integração com os nativos, mas é preciso uma análise mais aprofundada de questões culturais e raciais do Japão no que diz respeito à aceitação do estrangeiro e do mestiço. Esses pontos podem estar associados ao tratamento dispensado àqueles que não se integraram. Eles relataram não ter sofrido preconceito, porém isso pode ter existido sem que tenha sido percebido.

Considera-se que as entrevistas possibilitaram conhecer, em alguma medida, as memórias e experiências de sete descendentes de japoneses como *dekasseguis*. Estas, apesar de particulares, podem encontrar semelhanças com as vivências de outros descendentes, tal como aponta a literatura.

No entanto, pelo que se pode constatar no levantamento bibliográfico, estudos sobre a

importância da comida nos processos de aculturação de *dekassegus* ainda são escassos. Desse modo, acredita-se que esta pesquisa possa contribuir, ainda que de forma modesta, para iluminar este tema que se encontra na intersecção de diferentes disciplinas e campos do conhecimento, estimulando a realização de mais estudos interdisciplinares relacionados às experiências migratórias.

Referências

- ABREU, C. I. **O movimento dekassegui: A imigração para o lugar das oportunidades**. 2019. Monografia (Bacharel em Geociências) - Departamento de Geociências da UFJF, Juiz de Fora, 2019.
- AKIYAMA, K. Entre dois mundos. **Revista USP. Dossiê Brasil-Japão**, [s.l.], n.27, p. 68-73, 1995.
- BELTRÃO, K. I.; SUGAHARA, S. Permanentemente temporário: *dekassegus* brasileiros no Japão. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 61-85, 2006.
- BENJAMIN, W. Omelete de amoras. In: _____. **Rua de mão única. Obras escolhidas II**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.219-220.
- BERRY, J. W. Migração, aculturação e adaptação. In: DEBIAGGI, S. D.; Paiva, G. J. **Psicologia, E/Imigração e Cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p.29-45.
- BESTOR, T. C.; BESTOR, V. L. Cuisine and Identity in Contemporary Japan. **Education About Asia** [online], Association for Asian Studies, v.16 n. 3, 2011. Disponível em: <<https://www.asianstudies.org/publications/eaa/archives/cuisine-and-identity-in-contemporary-japan/>> Acesso em: 12 mai 2021.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista em Tese**, Santa Catarina, v. 2, n. 1, p.68-80, 2005.
- CARDOSO, R. C. L. **Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo**. São Paulo: Primus Comunicação, 1995.
- CARIGNATO, T. T. A construção de uma clínica psicanalítica para migrantes. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, ano XXI, n. 40, p.107-129, 2013.
- CODESAL, D. M. Eating abroad, remembering (at) home: Three foodscapes of Ecuadorian migration in New York, London and Santander, **Anthropology of food** [online], OpenEdition Journals, dez. 2010. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/aof/6642>> Acesso em: 8 mai 2021.

DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DANTAS, S. D. et al. Identidade, Migração e suas dimensões psicossociais. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, ano XVIII, n. 34, p.45-60, 2010.

DEBIAGGI, S. D. Nikkeis entre o Brasil e o Japão: desafios identitários, conflitos e estratégias. **Revista USP**, [s.l.], n. 79, p.165-172, 2008.

ENNES, M. A. **A construção de uma identidade inacabada: nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

ENNES, M. A. ; MARCON, F. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 16, n.35, 2014, p.274-305

FERREIRA, R. H.; GARCIA, L.B.R. O Lugar e o Migrante Dekassegui. In: GERARDI, L.H.O.; MENDES, I. A. **Do Natural, do Social e de suas Interações: visões geográficas**, Rio Claro: AGETEO, 2002.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasileira: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ISHIKAWA, E. A. A Identidade Étnica dos Jovens Brasileiros no Japão. **Estudos Japoneses**, São Paulo, n. 36, p.29-42, 2016.

JANOWSKI, M. Introduction: Consuming Memories of Home in Construction the Present and Imagining the Future In: **Food and Foodways: Explorations in the History and Culture of Human Nourishment**, v. 20, n. 3-4, p.175-186, 2012.

KOHATSU, L. N. Migrações e deslocamentos entre muros, pontes, portas e janelas: a escola (para todos) num mundo com fronteiras. **Revista Culturas & Fronteiras**, v. 1, n.1, p.1-25, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/culturaefronteiras/article/view/4497>. Acesso em: 22 de dez 2022.

KOHATSU, L. N.; BRAGA, A. C .A.; FELIPPE, I. M. Estudantes secundaristas de origem boliviana: relatos de experiências sobre línguas, culturas e identidades. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v.30, n. 65, 2022, p.185-202.

LIMA, R. S. et al. Alimentação, comida e cultura: o exercício da comensalidade. **Demetra: Alimentação, Nutrição e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p.507-522, 2015.

MACIEL, M. E. Identidade Cultural e Alimentação. In: CANESQUI, A. M; GARCIA, R. W. D. **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2005, p.49-55.

MINTZ, S. W. Comida e Antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p.31-41, 2001.

MOREIRA, S. A. Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 62, n. 4, p.23-26, 2010 .

NAKAGAWA, K. Y. **Crianças e adolescentes brasileiros no Japão: Províncias de Aichi e Shizuoka**, 2005. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

NAKAGAWA, K. Y. **Projeto Kaeru: 10 anos**. São Paulo: Benjamin Editorial, 2018.

OKAMOTO, M. Y. **Dekassegui e Família: Encontros e Desencontros**. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

OKAMOTO, M. Y.; JUSTO, J. S.; RESSTEL, C. C. F. P. Imigração e desamparo dos filhos de dekassegus. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 25, n.50, p.203-219, 2017.

OKAMOTO, M. Y.; RESSTEL, C. C. F. P.; BARROS, J. F. de. Os desafios da educação dos filhos dos decasségus no Japão. **Zero-a-Seis**, v. 23, n. 43, p.838-865, 2021.

RESSTEL, C. C. F. P. **Desamparo psíquico nos filhos de dekassegus no retorno ao Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

RESSTEL, C. C. F. P.; JUSTO, J. S.; OKAMOTO, M. Y. Filhos de decasségus: desafios e dificuldades no retorno ao Brasil. **Revista Latinoamericana Psicopatologia Fundamental**, v.18, n.3, p.490-503, 2015.

ROSSINI, R. E. O Brasil no Japão: A conquista do espaço dos Nikkeis do Brasil no Japão. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, XIV, 2004, Caxambu, Anais do XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2004.

SAKURAI, C. Primeiros pólos da imigração japonesa no Brasil. **Revista USP**, n.27, p.32-45, 1995.

SASAKI, E. **O jogo da diferença: A Experiência Identitária no movimento dekassegui**. 1998. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SASAKI, E. **Dekasseguis: trabalhadores migrantes Nipo-Brasileiros no Japão**. Campinas, Núcleo de Estudos de População - NEPO, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

SASAKI, E. Dekasseguis. Japanese - Brazilian Immigrants in Japan and the Question of Identity. **Bulletin of Portuguese - Japanese Studies**, Lisboa, n.4, p.111-141, jun 2002.

SASAKI, E. A Imigração para o Japão. **Revista de Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p.99-117, mai/ago 2006.

SONATI, J. G. et al. Influências culinárias e Diversidade Cultural de Identidade Brasileira:

Imigração, Regionalização e suas comidas. In: MENDES, R.T. et al. **Qualidade de vida e cultura alimentar**. Campinas: Ipes Editorial, 2009. p.137-147.

SOUZA, F. B. **A face feminina da migração de retorno de dekassegus: processo de adaptação e suas problemáticas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2014.

TAKEUCHI, M. Y. O império do Sol Nascente no Brasil: entre a idealização e a realidade. In: CARNEIRO, M. L. T.; TAKEUCHI, M. Y. **Imigrantes japoneses no Brasil: trajetória, imaginário e memória**. São Paulo: Edusp, 2010.

TANAKA, E. **A volta dos filhos de dekassagui ao Brasil: escolarização, dificuldades e superação**. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

TASHIMA, J. N.; TORRES, C. V. Percepções de brasileiros acerca do processo de adaptação cultural ao Japão. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v.26, n. 52, p.223-241, 2018.

YANO, L. P. **Famílias brasileiras no Japão: migração transnacional, adaptação e estresse aculturativo**. Porto Alegre: Poá Comunicação, 2013.

Recebido: 20.01.2023

Aprovado: 27.06.2023